

# A realidade sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola comum

Ecleide Assis de Souza \*  
Orient.: Sérgio de Freitas Oliveira \*\*

## RESUMO

O presente artigo relata um estudo de caso realizado em uma instituição pública inclusiva sobre as dificuldades que um aluno do 1º Ciclo do Ensino Fundamental com Paralisia Cerebral (PC) enfrenta devido ao despreparo do professor. De acordo com informações coletadas na escola, o aluno ainda não tem uma participação ativa nas aulas devido às sequelas da PC, que teve aos seis meses de idade, por falta de oxigenação cerebral. O aluno com PC tem como característica a falta de controle completo dos músculos de seu corpo, o que o leva a dificuldades motoras e de incoordenação, que podem afetar desde o seu desenvolvimento físico até sua aprendizagem.

Palavras-chave: Inclusão; Paralisia cerebral; Escola inclusiva.

O termo Paralisia Cerebral ou, mais corretamente, a Encefalopatia Crônica da Infância designa, segundo Sanvito (1997), uma série de distúrbios não progressivos do movimento de postura, resultantes de lesões cerebrais ocasionadas durante os últimos meses de gravidez, durante o parto, após o nascimento ou até os três anos de idade.

Uma criança com PC pode apresentar alterações que variam desde leve incoordenação dos movimentos ou uma maneira diferente para nadar até a incapacidade de segurar um objeto, falar ou deglutir.

O desenvolvimento cognitivo pode ser inteiramente “normal”, mas sempre existirá uma lesão motora.

O desenvolvimento do cérebro tem início após a concepção e continua após o nascimento. Quando ocorre qualquer fator agressivo ao tecido cerebral antes, durante ou após o parto, as áreas mais atingidas terão a função prejudicada e, dependendo da importância da agressão, certas alterações serão permanentes, caracterizando uma lesão, como é o caso do aluno apresentado.

Nesse sentido, é importante esclarecermos que nem sempre a PC implica danos para as funções inte-

lectuais, muito embora a comunicação quase sempre esteja comprometida. É certo que muitas pessoas com PC podem apresentar um desenvolvimento intelectual segmentado, devido à falta de interação com o meio ambiente e/ou danos causados pela lesão cerebral.

Em relação ao aluno com PC que está inserido no espaço educacional, é importante que tanto o corpo técnico administrativo da escola como o professor na sala de aula busquem com a família informações que os auxiliem no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Partindo desse pressuposto, para viabilizar de fato a inclusão desse aluno com PC na sala de aula, será necessária a identificação de alguns recursos materiais e atividades que auxiliarão o professor a intervir no processo de desenvolvimento do aluno, favorecendo e facilitando a sua participação nas atividades realizadas em sala de aula.

Segundo Aranha (2000), para que os professores possam desenvolver estratégias que facilitem a aprendizagem do aluno com Necessidades Educacionais Especiais na sala de aula, devem se tornar professores pesquisadores, buscando conhecer cada aluno, tanto no que se refere às suas características pessoais (a família os auxiliará nessa tarefa) como,

\* Graduada em Pedagogia com Ênf. em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas. E-mail: ecleide@yahoo.com.br

\*\* Licenciado em Letras e em Pedagogia. Professor Adjunto da PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira@globo.com

especialmente, ao seu processo de aprender, antes e durante todo o processo de ensinar. O professor pesquisador pode criar estratégias para auxiliar a construção de conhecimentos dos alunos com PC que, devido às suas limitações, muitas vezes terão um nível de desenvolvimento real.

De acordo com Godoi (1998), todas as pessoas que atendem aos alunos com PC desempenham um papel importante para o seu desenvolvimento integral, assim, deve ser viabilizado um trabalho em equipe entre as famílias e os profissionais, buscando, assim, a realização pessoal e social dos alunos, transformando-os em cidadãos ativos e críticos.

Sabemos que a inclusão do aluno com PC em sala não está totalmente garantida, pois, para Figueiredo (2002), a inclusão vai além da simples inserção do aluno na escola, implica a escola ter outra lógica, de modo que não seja possível pensar na possibilidade de ver algum aluno fora dela.

Significa quebrar paradigma, ver a educação como bem social, compreender a deficiência e enfrentar as dificuldades que surgirem na prática educacional.

Percebe-se que o aluno não está totalmente incluído por não ter sua coordenação motora preservada e grande dificuldade na fala, daí, a necessidade de utilizar alguns recursos da Tecnologia Assistiva (TA), para que o aluno consiga desenvolver suas habilidades e, assim, participar ativamente das atividades propostas na sala de aula.

Para Carmo (1991), deficiência motora é a perda de capacidade afetando, diretamente, a postura e/ou o movimento, em consequência de uma lesão, congênita ou adquirida, nas estruturas reguladoras e aftosas do movimento do Sistema Nervoso.

Para Damasceno e Galvão Filho (2003), Tecnologia Assistiva (TA) é toda e qualquer ferramenta ou recurso utilizado com a finalidade de proporcionar uma maior independência e autonomia à pessoa com NEE.

Segundo Reis (2004), a utilização da TA na educação é uma maneira de ajudar os alunos a se interagirem com o desenvolvimento pedagógico. É muito importante que o educador saiba selecionar os recursos em sala de aula. É preciso deixar claro que os recursos da TA na escola servem apenas como uma ponte entre o sujeito e as tarefas que ele necessita realizar.

O objetivo desses recursos não é fazer com que os alunos com Limitações Motoras se tornem um

indivíduo “normal”, nem mesmo que ele se adapte às metodologias do ensino, é sim auxiliar com instrumentos que possam ajudar em suas ações para que ele possa realizar suas tarefas com o máximo de independência possível.

Verifica-se a importância de que os profissionais da área de Educação tenham conhecimento sobre os recursos da TA, assim terão capacidade de buscar novas maneiras de avaliar o desempenho e até mesmo, de certa forma, facilitar o processo de aprendizagem dos alunos com Limitações Motoras.

A utilização dos recursos da TA em alunos com NEE proporciona aos profissionais condições de estarem realizando com os eles atividades que antes não tinham como ser feitas, esta realidade é de grande importância para o professor.

Portanto, cabe ao professor estar sempre atento à necessidade individual de cada aluno e buscar promover o desempenho e a inclusão de seu aluno.

Em matéria publicada sobre a inclusão na Revista Nova Escola, Cavalcante (2005) assegura que a inclusão cresce a cada ano e, com ela, o desafio de garantir uma educação de qualidade para todos. Na escola inclusiva, os alunos aprendem a conviver com a diferença e se tornam cidadãos solidários, sendo fundamental a participação do professor para que isto se torne realidade.

De um modo geral, a inclusão desse aluno representa uma grande dificuldade, pois predomina o desconhecimento sobre a possível integridade das suas capacidades cognitivas e motoras, por falta de conhecimento por parte do professor. É de suma importância acreditar nas possibilidades de que o aluno com PC é capaz de aprender a ler, escrever e participar, ativamente, das atividades escolares.

## REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Adaptações curriculares de pequeno e de grande porte**. Brasília, Ministério da Educação e Cultura, 2000. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/cartilha08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2007.

CARMO, Apolônio Abadio. **Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina**. 2. ed. Brasília: Secretaria dos Desportos. 1991.

CAVALCANTE, Meire. A escola que é de todas as crianças. **Nova Escola**, São Paulo, n. 182, maio 2005.

DAMASCENO, Luciana Lopes; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. As novas tecnologias como tecnologia assistiva: usando os recursos de acessibilidade na educação especial. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 54, p. 40-47, nov./dez. 2003.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. Políticas de inclusão: escola-gestão da aprendizagem na diversidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 11, 2002, Goiânia, **Igualdade e diversidade na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 67-78.

GODOI, Ana Maria de. Trabalho escolar com crianças portadoras de paralisia cerebral. In: SOUZA, Ângela Maria Costa de; FERRARETTO, Ivan. **Paralisia cerebral: aspectos práticos**. São Paulo: Memnon. 1998. p. 351-355.

MILLER, G, CLARK. **Paralisias cerebrais**: causas, consequências e conduta. São Paulo: Manole, 2002.

REIS, Nivânia Maria de Melo. **Tecnologia assistiva**: recursos facilitadores no processo de aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2004.

SANVITO, W. L. **Síndromes neurológicas**. São Paulo: Premier, 2000.